

14 JUL 1998

# Educação de qualidade

CORREIO BRAZILIENSE

Evando Neiva

Pensar em uma agenda para o futuro do Brasil sem incluir como prioridade uma educação de qualidade para toda a população é total perda de tempo. É tão non sense quanto tentar imaginar uma construção sem alicerces, uma plantação sem sementes ou mudas, a vida sem água. "Sem educação básica de qualidade, o Brasil compromete o seu futuro", já alertava, em março de 1996, o documento *A Nação Convocada*, assinado por educadores e por outros representantes da sociedade civil, e entregue ao presidente Fernando Henrique Cardoso no lançamento do Ano da Educação.

O tema, lamentavelmente, continua atual. Hoje quase dois anos e meio depois, a má qualidade do ensino brasileiro permanece como preocupação constante de professores, alunos e pais, além de todos os que sonham com um futuro melhor para o país. Não vamos chegar ao extremo de negar os esforços dos governos federal e estaduais em prol da educação: a avaliação do material didático utilizado nas escolas, a realização dos provões para testar o nível do ensino, o trabalho para a alfabetização de todos os brasileiros são iniciativas de peso que trarão, sem dúvida, bons resultados a médio e longo prazos.

Mas a verdade é que tudo isso ainda é pouco — muito pouco — para enfrentar um problema que, mais do que nunca, entrava o desenvolvimento do Brasil. Uma educação de qualidade é hoje muito mais necessária que tempos atrás. O processo de globalização da economia, em seu inexorável curso, traz em seu bojo uma constatação tão óbvia quanto terrível para países como o Brasil: só terão espaço, no futuro, os que souberem dar a seu povo educação de alta qualidade. Sem esta, não produzirão conhecimento, não saberão lidar com as novas e sofisticadas tecnologias, não terão, enfim, como competir no mercado internacional.

Se, há vinte ou trinta anos, a educação era um problema social, hoje é muito mais: é um problema econômico da maior gravidade, por ter-se tornado o fator que poderá incluir — ou excluir — os países do concerto das nações. Não se trata mais de lutar pela educação por motivos tão justos quanto a igualdade de oportunidades e a garantia dos direitos fundamentais do cidadão. Agora, a questão é outra, e bem menos filosófica. É pura, simples e pragmática questão de sobrevivência para o Brasil.

A mobilização por uma educação de qualidade tem de ultrapassar,

portanto, as paredes das escolas e dos órgãos governamentais. É tarefa para toda a sociedade, para cada cidadão. Ao apresentar ao país, no final de maio passado, suas treze "metas nacionais mobilizadoras" voltadas para a qualidade de vida e para a produtividade, o presidente da República colocou como a primeira delas: "Toda criança na escola, com qualidade". Não é para menos: sem compromisso real da comunidade, sem fortíssima mobilização nacional, muito pouco, ou quase nada, se poderá fazer.

Alguns exemplos bem-sucedidos já ocorrem e demonstram que, com o engajamento da sociedade, é possível aumentar rapidamente a qualidade da educação. É o caso de Minas Gerais. Aí, escolas públicas buscaram apoio de indústrias e de instituições privadas para implantar programas de Qualidade Total em educação. Os resultados impressionam: a acelerada redução da repetência e da evasão escolar, e a também imediata melhora dos índices de aprovação. Experiências semelhantes, realizadas em Cuiabá, também resultaram no mesmo padrão.

Na rede privada, há exemplos que apontam na mesma direção. O Grupo Pitágoras, em seus colégios de

Minas e de outros estados, adotou os princípios da Qualidade Total — usados pela indústria japonesa para se recuperar no pós-guerra — e promove, de dois em dois anos, um congresso nacional sobre Qualidade em Educação. O Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio Grande do Sul já levou o programa a 224 escolas associadas. Altas taxas de aprendizagem e de aprovação foram a consequência imediata desse esforço que envolveu, e continua ocupando, diretores, professores, pais, alunos, empresários, sindicalistas e quem mais quis se engajar.

O que ficou claro, nos experimentos que se tornaram prática comum naquelas escolas públicas e privadas, é que bastam a vontade, a coragem e a consciência de toda a comunidade sobre a absoluta prioridade de lutar por um ensino melhor. A verdade é que não temos mais tempo para adiar soluções. Ou nos unimos agora em uma verdadeira conspiração pela alta qualidade da educação brasileira, ou estaremos condenados a um papel secundário nos anos 2.000.

■ Evando Neiva, educador, é presidente do Grupo Pitágoras de Ensino e do V Congresso Qualidade em Educação que se realizará este mês em Belo Horizonte